

Contos do Tempo Perdido

# *Contos do Tempo Perdido*

*Volume 1 - A busca dos artefatos*

*malditos*

A busca dos artefatos malditos

*Dedico esse livro a :*

*Camille Souza Caruso que me concedeu a  
primeira sensação real do que é amor.*

*Karen Moraes da Silva, preocupada com  
o que era melhor para mim na época.*

*Karen de Oliveira Silva, por quem ainda  
sinto um grande amor*

Esse texto não tenta ser verossímil ou realístico. Ele simplesmente tenta usar um cenário baseado em um período real para contar uma história fantástica.

A busca dos artefatos malditos

*Contos do Tempo Perdido*

*Volume 1 - A busca dos artefatos malditos*

*Introdução e Fatos Históricos - Página 9*

*Livro I: Através das Colinas e Muito Mais Além - Página*

*16*

*- Capítulo I: O Céu é uma mentira - Página 17*

*- Capítulo II: Despertar - Página 61*

*- Capítulo III: Uma nova saga começa - Página 85*

*- Capítulo IV: "Eu sou um passageiro..." - Página 109*

*- Capítulo V: Pesadelo - Página 125*

A busca dos artefatos malditos

- *Capítulo VI: Se lembre - Página 135*

- *Capítulo VII: Escuridão do desconhecido - Página 157*

*Livro II: Preto e Branco - Página 180*

- *Capítulo I: O Rei dos cães - Página 181*

- *Capítulo II: A pequena mostra de paz - Página 221*

- *Capítulo III: Sem medo - Página 235*

- *Capítulo IV: Vivendo em uma prece - Página 291*

- *Capítulo V: O falso - Página 323*

- *Capítulo VI: Morto ou vivo - Página 349*

- *Capítulo VII: "Matarei em nome de Mallmor" - Página*

*393*

Contos do Tempo Perdido

*Especial - Página 418*

*-Linha cronológica do tempo - Página 418*

*-Glossário - Página 423*

A busca dos artefatos malditos

# *Introdução e Fatos*

## *Históricos*

Até onde sabemos sobre a humanidade, teríamos surgido há aproximadamente 2,5 milhões de anos. E existem dois períodos distintos no surgimento da mesma: o Paleolítico e o Neolítico. Isso se deve ao fato de boa parte de nosso período de existência se resumir a essas duas fases distintas. Esses períodos são cercados de um grande mistério, pois não possuíam registro, sendo que uma das primeiras formas de expressões seriam as pinturas rupestres, imagens encontradas em sítios arqueológicos.

Esses dados são o que qualquer historiador dirá a você. Mas isso é a verdade?

Tantas culturas de diferentes origens citam suas próprias gêneses de formas diferentes. A crença católica é a que a mais possui referências históricas, pois vivemos numa sociedade formada por essa

## A busca dos artefatos malditos

fé. Os povos de origem asgardiana, céltica, olímpica, entre outros, tem seus nascimentos citados como um ato divino. Mas é só isso? Somente isso? E como pode ser?

Deuses com formas humanas ou semi-humanas moviam, destruíam e até moldavam o mundo a seu bel prazer. Aproveitavam de todos os homens, tratando a nós como escravos, ou no máximo, divertimento. As mulheres eram abusadas ou enganadas em troca de favores da carne e mesmo contra a sua vontade, tinham que ceder a isso. Nem mesmo as crianças eram poupadas das maliciosas mentes das entidades que as tomavam de seus pais se possuíssem interesse, por qualquer motivo que seja.

Mas somente um entre todos, só pediu o necessário. O único que sacrificou seu bem maior acima de tudo! Ele que em mais de uma cultura foi, e é chamado, por Senhor. Essa história trata isso: sacrifícios e destinos.

Esta não trará nenhum nome conhecido das lendas e dos mitos, a não ser quando estes participarem da história. Ela poderá citar nomes como de: Arthur Pendragon, o rei celta e cristão; Leônidas, o rei que valeu por um exército e que tinha um exército que valia por mil; e até mesmo Júlio Cesar, o homem que tocou o título de Imperador, mas nunca, obteve êxito, mas eles não são o foco dessa história.

## Contos do Tempo Perdido

História sim. Não um conto de fadas, pois nada nessa história esta livre de um triste fim. Muito menos um conto de terror, pois apesar das forças malignas operantes sempre existem aqueles que mantêm a ordem. Quanto mais um mito ou lenda, pois nada aqui foi criado. No máximo uma fábula já que os personagens têm uma função alegórica, trazendo uma moral: mesmo que você não olhe por alguém, podem estar olhando você.

Minha função é mostrar o que olhos que existiram naquele período, olhos mortais, viram e presenciaram. Desde o mero encontro com uma pequena fada, até o confronto contra dragões e demônios. E acredite, esse foi o menor dos problemas.

Quantos homens erguerão suas armas contra o verdadeiro mal? Mas o que ele seria? Algo nocivo? Malicioso? Tudo o que se opõe a honra? Mas então o que é honra? Mesmo que vissemos plenamente a palavra mal, seria um termo difícil definir. E então o que fazer para explicá-la? Vou entregar ao leitor a minha idéia sobre o mal. O mal é tudo aquilo que se opõem ao nosso destino. Às vezes, nós esquivamos dele guiando nosso destino. Em outras nos entregamos a ele, deixando nosso futuro ser dominado. Mas existem, aqueles que erguem a lamina da vontade contra os obstáculos criados pelo mal.

## A busca dos artefatos malditos

Houve uma terra que tinha como marca maior, em sua história, a morte do filho Dele, que Ele sacrificou em nome dos nossos pecados. Essa cidade chama-se Jerusalém.

Quando o Império Romano do Ocidente caiu, deixou uma marca que atingiu boa parte dos países que ele tocou com um tornado: o cristianismo. As religiões, assim como as tradições de vários povos, foram modificadas em nome da nova religião. E todos aprenderam o que eram os dogmas e sacramentos.

Mas o homem traz consigo sempre a vontade de obter mais. De conquistar mais.

Após o ano mil, Jerusalém era o centro do mundo religioso de várias culturas. Religiões, que tiveram origem no Oriente Médio, foram postas em confronto direto. Os árabes islâmicos queriam a Cidade Santa, pois de lá, Maomé teria subido aos céus, já os judeus que lá se encontravam, tinham diversos lugares sagrados e os cristãos reverenciavam a cidade por ser um dos últimos locais em que Jesus Cristo esteve vivo. Mas por questões acima dos religiosos – é o que afirmavam os líderes das facções – os povos se enfrentavam em batalha sangrenta.

Existem ainda os fatores demográficos e de remissão: graças ao aumento da população desde o começo do ano mil, os cristãos

## Contos do Tempo Perdido

necessitavam retirar esse excesso de suas terras. Para isso, o Papa Urbano II dizia que os homens que entrassem para a guerra contra os infiéis, teriam seus pecados perdoados. Os cavaleiros chamados pelo papa para tal embate usavam - em nome de sua fé - uma cruz bordada em suas vestes por cima da armadura. Eram então chamados de cruzados, guerreiros e símbolos do cristianismo no Oriente. Eles iniciaram as Cruzadas, um dos conflitos, no período da Idade Média, mais extensos e sangrentos da história da humanidade.

Entre os séculos, XI e XIII, a Santa Sé promoveu as Cruzadas, que poderiam ser traduzidas como expedições militares, mesmo sendo tratadas pela maioria, como modo de evangelizar os infiéis.

Existiram diversas Cruzadas, mas quase todas culminaram na derrota cristã e perdas de vidas de ambos os lados. Mas ao final da Primeira Cruzada os nobres voltaram para suas terras, com exceção, os que ficaram estabelecidos em regiões conquistadas e as transformariam nos quatros Estados cristãos. Seriam eles, o Condado de Edessa, o Principado de Antioquia, o Condado de Tripoli e o Reino de Jerusalém.

Foi em 1144 que ocorreu o impossível, pois o Condado de Edessa foi capturado pelo exército muçulmano. Com isso os turcos puderam reagrupar seus homens, e enfim a longa fronteira dos três Estados cristãos restantes. Estava para começar a Segunda Cruzada.

## A busca dos artefatos malditos

Graças aos pedidos dos Estados cristãos os embaixadores enviados a Roma tiveram resposta positiva em relação a ajuda contra os turcos. O Papa Eugênio III – encarregou o clérigo Bernard de Clarvaux, um erudito e conhecido homem de propagar entre os cristãos sobre a nova Cruzada. Com isso o rei Luís VII da França e o imperador Conrado III do Sacro Império Romano, entraram de vez nessa jornada em 1147.

Isso fez com que boa parte dos exércitos de ambos os territórios, se deslocassem, acompanhando seus reis. O que fez com que seus territórios ficassem um tanto quanto desprotegidos.

Nessa época - em que alguns poucos erguiam suas armas contra aqueles que achavam injustos - homens e uma mulher que se dirigiam a Starten, na França, teriam que usar estes itens se ainda quisessem continuar nesse plano de existência.

# Contos do Tempo Perdido

A busca dos artefatos malditos

*Livro I:*

*Através das Colinas e Muito*

*Mais Além*

## *Capítulo I: O Céu é uma mentira*

Esses textos foram traduzidos de escritos antigos que estavam na língua antiga dos elfos: o sidhe antigo. Essa língua teria surgido no começo dos tempos em que até esses seres eram jovens demais para se lembrar.

Elas relatam sobre acontecimentos que ocorreram no Reino da França, no ano de 1147 em uma estação de primavera. Cada um dos jovens caminhava em direção ao vilarejo. Todos diferentes entre si, podendo ter motivos e ideais opostos. Talvez não consigam obter o que querem. Ou consigam justamente o que sempre estiveram procurando. Não irei encher esse texto com algo como moralismos baratos. Já devem saber que algumas pessoas conquistam o que querem, mesmo que não seja o que se pensou inicialmente. E quando, para se conquistar certa coisa, deve se passar por cima de outros? E será que continuaria no caminho, do que consideramos, bem? Isso as personagens descobririam de formas maravilhosas, trágicas, mágicas e – especialmente – predestinadas. Voltemos a eles.

Nem todos eram, por assim dizer, simples mortais.

Richard Naara estava indo ao vilarejo de Starten, pois, o que as vozes das cidades próximas diziam sobre o lugar é que houve

## A busca dos artefatos malditos

problemas na cidade com a profanação de corpos. Mas Richard sabia que tal como seu nome era a única coisa que *era definitivamente seu*, a profanação de corpos não era o problema verdadeiro. Os mortos voltaram a andar. Sabia muito pouco sobre o assunto, mas tentaria ajudar.

O jovem elfo cobria sua cabeça com um manto bem grosso com a finalidade de cobrir sua herança élfica. Usava uma roupa leve com luvas pesadas contrastando com suas vestimentas. Seu cabelo, mesmo pela cobertura na roupa, saltava para fora. Sorte que suas orelhas pontudas não faziam o mesmo. Enquanto caminhava na direção do lugar, também arrumava o azevinho e o visco, itens típicos de um sacerdote que se guia pelas forças primárias do mundo. Mas ele necessitava não só deles, mas confiar em suas próprias habilidades herdadas de sua mãe. De quem tanto sentia saudade. O *druida*<sup>1</sup>, termo usado pelos sacerdotes celtas que tinham relação com a natureza, finalmente conseguiu cobrir os seus fios negros. Olhos amendoados que fascinariam muitos, ou enlouqueceriam, mesmo as mentes mais esclarecidas. Mais um traço da raça antiga ao qual pertencia. Richard era um nome, que foi herdado por conta de um antigo amigo de sua família. Ele também era um homem que protegia os animais e as

---

<sup>1</sup> Druidas seriam como sacerdotes da cultura celta, que teriam várias funções dentro de suas comunidades. São atribuídos a eles poderes mágicos relativos a natureza.

## Contos do Tempo Perdido

plantas. Isso fez com que o jovem e inexperiente se tornasse um amante de tudo aquilo que as forças primordiais criaram.

Diferente dele, também partia Halphy – que como Richard descendia de uma família sidhe – mas não estava lá por motivos nobres. Não aos olhos humanos ao menos.

Os dois homens, Hugo e Lacktum, trilham caminhos paralelos, porém por meios e motivos diferentes. Enquanto Hugo Capeto ainda não sabia se entregaria sua mente às trevas do seu coração, as de Lacktum o traziam a Starten por memórias que o torturavam demais. Mas ele sabia que não havia mais salvação para si.

Iniciemos essas narrativas mesmo por um guerreiro.

Thror, de terras gregas era um combatente excepcional. Seu passado era tão obscuro quando a perícia inerente de armas que tinha. Nunca havia treinado muito. Era quase natural o ato de brandir uma arma, como comer ou respirar. Tanto para vender, quanto para usar. Cerca de três dias do litoral de distância, Thror caminhou sem rumo até a cidade por pura confiança no destino. Levando consigo uma espada, uma armadura e alguns bons equipamentos, nada mais. Estranhamente, ele achava que a armadura o impedia de movimentos mais acrobáticos. Os poucos que o conheceram em combate, o achavam estranho.

## A busca dos artefatos malditos

Mas estranho mesmo era a marca em sua cabeça. Qualquer um que o examinasse, acharia que uma marca como aquela poderia matar um homem comum. Porém, mesmo assim, Thror Tzorv continuava vivo. O mesmo golpe nos homens, em campo de batalha, matava qualquer um, mas o homem da cicatriz se vangloriava da marca. Mesmo não sabendo de onde ela vinha.

Seu rosto parecia de um homem bruto, o que era, mesmo assim não se poderia falar somente isso dele. Os poucos com quem conversou em suas viagens gostavam do jeito de beber, da prosa divertida e dos momentos embaraçosos que causava a si mesmo, não sabendo do que falava. Erros de alguém iletrado, de pouco conhecimento ou tolo como gostava de referir a si mesmo. Algo incomodava aquele homem de cicatriz. Em certos momentos, como luzes de tocha no túnel, suas memórias surgiam com força. Tamanha força que se apagavam com a mesma velocidade como surgiam. Tochas queimam muito rapidamente. Dependendo de caminho esta se seguindo. E Thror não sabia exatamente o que fazer. Só seguiu o conselho do homem que o adotou como a um filho: seguir o que seu coração lhe dizia. Ele estará sempre ligando o nosso destino.

Porém a visão de Thror começou a embaçar, nublando seus pensamentos e fazendo sua mente vagar para sua terra natal. Ele notava flores que só surgiam nas colinas gregas, eram chamadas de

## Contos do Tempo Perdido

narciso. Até mesmo as colunas da casa que surgia a sua frente, pareciam novas. Não as ruínas que ele abandonou á um pouco mais de um ano. Mesmo assim, ainda com a memória da visão que se concentrava em uma colina grega que Thror não se lembrava, de repente voltou a um morro. Ele descia para Starten na França.

Essa visão de um passado que não conhecia, o assombrava enquanto descia e atravessava a ponte de madeira em direção a Starten.

Starten ficava a quatro dias do litoral da França. Protegida por pequenas montanhas, que diziam estar povoadas por monstros, só possuía mais uma via de acesso por uma pequena ponte de madeira improvisada, feita de eucalipto. Ao Sul havia florestas que se tornavam intransponíveis, enquanto ao norte havia o cemitério. Um lugar deveras isolado. Único meio de se alcançar o litoral para alguns. Quase ninguém o usava mesmo com esse acesso para os portos. Talvez pelas trevas que aguardavam os desavisados. Ainda havia alguns corajosos que se aventuravam, mas ficaram escassos nos últimos anos. Raros

E esse caminho era usado e respeitado, pelos aldeões, três meses atrás. Porém com o caso das gêmeas DuBoi, algo mudou. As histórias sobre estas duas garotas explicariam o motivo da população local não atravessar aquele solo de repouso eterno.

## A busca dos artefatos malditos

Lacktum com seus cabelos vermelhos, olhos verdes, seu grimório entre seus pertences na mochila e sua pele de urso como veste, presa num cinto de couro, olhava para uma cruz manchada de sangue no centro da cidade. Havia um brinco em sua orelha esquerda que parecia ser feito do mesmo material de uma faca que portava. O brilho lembrava quase igual ao de um item de prata. Era mais escuro em sua extensão, belo, com um tom até mais ameaçador. Não que isso importasse ao jovem cheio de rancor. Estava ali para obter sabedoria. Fosse como fosse. De que modo seria aquilo, só Odin poderia falar ao mago de um modo místico.

Ele olhava com uma intenção curiosa, diferente dos outros homens que fitavam o símbolo com medo. O sangue ainda marcava o local, como uma amostra profana do que acontecerá antes.

Ficava mexendo com uma adaga de metal bem estranho no meio daquela aldeia. Parecia que não se importava com o que conjecturavam sobre ele. Na verdade, se achassem qualquer coisa ruim, poderia lançar aquela arma na testa de um daqueles idiotas supersticiosos que acreditavam no Deus Único. Deus Cristo, Messias ou Deus Único, não importava esses nomes tolos que eles colocavam. Aprendeu sobre os deuses dos germânicos com sua família. E quase nada mais tinha dela, a não ser a adaga, o brinco e as memórias dolorosas do que ocorreu há certo tempo.

## Contos do Tempo Perdido

O ferreiro local se aproximava para falar com o estrangeiro, estranhando seus olhos curiosos de inglês. Já Lacktum percebeu quando se aproximou dele, um homem sujo pela ferrugem de uma forja.

-O que faz aqui – começou o forjador – homem do extremo norte da ilha das brumas?

-Vim pelos rumores – disse contrariado Lacktum – de morte e outras coisas que surgem nas terras do rei Luis VII.

Ignorando o que Lacktum falava, o ferreiro continuou apontando para as marcas de sangue e explicando o ocorrido.

-Á um pouco menos de três meses – disse o ferreiro, como se trouxesse lembranças de algo amargo – duas garotas de oito verões foram raptadas na cidade. Dois ou três dias depois quando perdemos as esperanças que as encontrássemos as vimos, vindo do Norte. Do cemitério. Nuas. Caminhavam com dificuldade, era o que achávamos. Na verdade, quando se aproximavam vimos uma mancha vermelha. Pensamos que era sangue. Mas elas não possuíam mais sangue, nem tão pouco quaisquer órgãos, elas estavam mortas!

-São coisas terríveis – disse sem alterar o humor - Mas como sabiam que foram raptadas?

## A busca dos artefatos malditos

-A casa delas tinha sido destruída. Os pais mortos por alguma coisa. Ainda bem! Foram poupados de ver uma cena profana na frente da santa cruz. As garotas devoraram crianças, ali mesmo, que brincavam antes.

Lacktum então começou a andar e olhou de canto de olho para o ferreiro, cruzando a cruz e seguindo até a igreja.

-Inglês, – disse o ferreiro – se dirige a igreja com a finalidade de se intrometer nesse problema, não é? Mas não parece querer saber sobre o ocorrido. Vem a essas terras então por qual motivo?

Aquele mago Lacktum o olhou de modo sarcástico. Ele fitava a face do ferreiro, medindo as palavras, lógico.

-Nas terras, onde mortos estão vivos, soube que o corpo de alguém que amei, estaria aqui. E temi por sua integridade... Ferreiro inglês.

Disse isso, andando novamente até a igreja. O ferreiro soltou um pequeno, mas sarcástico sorriso.

Ele se aproximava com o manto cobrindo o rosto e o corpo. E não era sem motivo. Richard nunca seria visto com bons olhos.

## Contos do Tempo Perdido

Seu sangue puro entre os *sidhes*<sup>2</sup> o tornaria alvo dos clérigos fervorosos da igreja daquelas terras. Um devoto dos deuses faéricos nunca teria paz nas mãos de um sacerdote. Quem dirá os dois? Entrava na igreja com grande temor, acreditando que alguém poderia o descobrir.

Já Hugo fazia o mesmo, sem pensar em nada que o preocupasse. Mas se alguém descobrisse sobre seus dons arcanos, ele seria caçado de qualquer modo. Porém isso não intimidava nem um pouco.

Para completar o grupo que seguia até a igreja, Thror entrava com sua arma e armadura do modo mais discreto possível. O que se tornava difícil, mesmo com equipamentos mais simplórios.

Todos sabiam que o padre Jean estava desesperado procurando mercenários. Isso, afim de obter um resultado contra os mortos que deixavam seus sepulcros. Afinal, o pequeno templo cristão de Starten tinha somente a proteção de Deus e de Owen, um ex-soldado, que desertou do exercito do rei francês. O padre mandou mensageiros ao alto clero que não respondeu, ou quando o fez, ironizou suas mensagens loucas sobre mortos famintos.

---

<sup>2</sup>No caso se refere aos elfos. Pode ser um termo referente a estes seres, criaturas do ramo das fadas ou se referindo a um elfo em si.

## A busca dos artefatos malditos

Ele, o padre olhou as figuras que estavam na igreja com admiração e espanto: o mago Lacktum mantinha seu olhar sarcástico, porém sereno em direção ao sacerdote enquanto sentava no banco da frente na sé; Richard ficava longe da luz, afim de não ser visível seus traços de sidhe ao padre; Já Hugo olhava as luvas amarradas aos braços, com tiras de couro, com desenhos rúnicos, que portava. Ele cobria o rosto com o manto e com as mãos estendidas pelo banco; por ultimo, Thror se mantinha de pé fitando o padre com seriedade, mas respeito.

Aqui cabe descrever como era e estava vestido Hugo. Tinha cabelos negros curtos, mas com todo jeito de um homem mal arrumado. Não gostava de se arrumar, especialmente ao se tratar de uma aventura. Era assim, como tratava qualquer viagem em que poderia obter mais poder. Seus olhos eram castanhos comuns. Isso demonstrava que qualquer um poderia o tratar como um homem comum, não fosse pelas roupas. Como dito antes, portava luvas com signos arcanos – um de abjuração e outro de evocação – que adorava mostrar quando podia. Obviamente, a vila de Starten não era lugar para isso. Usava calças bem largas, e botas surradas e sujas. Na cintura, preso por uma fina corda, um saco com os componentes mágicos.

O padre estava parecendo cansado.

## Contos do Tempo Perdido

As vestes marrons do sacerdote cristão, sujas com o trabalho balançavam, enquanto começava a falar com seus olhos jovens verdes. Mesmo com só pequenos tufos de cabelo ao lado de sua cabeça demonstrava jovialidade e beleza que normalmente não se via em alguém do clero.

-Obrigado por comparecerem – disse o sacerdote – Acho que sabem dos nossos problemas nos últimos meses?

Lacktum levanta, tomando a frente no assunto.

-Ora clérigo, - disse o arcano apressado – fale logo sobre os mortos-vivos que rondam a cidade. Que seus fiéis comentam até com estrangeiros.

O padre se espantou, mas não deixou transparecer em seu rosto.

-Não há como negar isso a você meu jovem.

-Fiquei sabendo disso – falou Lacktum cruzando os braços – com o ferreiro local, eu acho.

-Ah Gor! Ele se preocupa muito com o que ocorre aqui, apesar – disse o padre alterando o tom de voz – de não ser daqui. Mas mesmo assim, ajuda na proteção da cidade como uma sentinela muito

## A busca dos artefatos malditos

prestativa e atenta. Já teve que se confrontar com estes seres, mas nada que meu caro amigo Owen, saberia lidar.

Surgia por de trás de um pilar, um homem loiro vestindo uma brunea. De sua cintura, surgia um mangual pesado, que ficava batendo em sua cintura. Ainda no cinto, havia um desenho de uma cruz no centro.

-Ele também auxilia nos combates? – disse o grego Thror, olhando as ótimas armas e a armadura de Owen.

- Sim, mas – disse o guerreiro Owen – se concentrem no que fala vossa clemência.

- Tudo bem, continue.

O padre tomou fôlego, para o fim de pronunciar as palavras certas. Olhou como se soubesse que os homens ali entenderiam suas palavras. Ou assim esperava.

- Nesses últimos tempos... Precisei queimar os corpos dos fiéis que morreram, como os pagãos fazem, pois os mortos do cemitério se levantam e nos atacam! Muitos dos fiéis, hoje na vila, encararam pais e mães, irmãos e irmãs, tios e tias, e toda sorte de ancestrais que deveriam estar inertes em seus sepulcros. Começou com o caso das

## Contos do Tempo Perdido

gêmeas e foi progredindo. Vez sim, vez não, essas criaturas mortas nos atacam e levam ao menos um membro da vila

A voz do sacerdote ficava cada vez mais aflita.

- Mandei um pedido de ajuda a alguns vilarejos próximos, mas sem contar os estranhos fatos aqui relatados. Afinal, quem acreditaria? Nem a Santa Sé acreditou nisso. Quem dirá o povo das terras humildes, e sem rei, da França? Por isso peço encarecidamente que ajudem Starten nesse tempo de crise.

Os homens sentiram um grande sinal de temor do padre, como se ele temesse que não aceitassem a missão. Como se ele temesse pela cidade, por algo pior.

Hugo, Thrór e Richard olharam, como certos de suas respostas. O mago Lacktum se demorou a mostrar alguma reação. Por fim responderam. Thrór começou.

- Se é assim, - disse um careca Thrór sorridente – vamos acabar com essa crise. Não é mesmo encapuzado?

- Meu nome – disse o sidhe contrariado – é Richard, homem das terras das polis. Sou da terra onde surgiram as fadas. E mortos famintos não me assustam.

- E você rapaz? – disse o grego olhando na outra direção.

## A busca dos artefatos malditos

O italiano Hugo Capeto olha com uma vontade única, pensando em como isso poderá ser interessante.

- Eu aceito, *eco* – disse o italiano com olhos quase reptilianos... Quase dracônicos.

Quando Thrór se dirigia para Lacktum, este se adiantou e falou com ele, como adivinhando.

- Não se preocupe grego. Eu também irei ao cemitério.

- Juro por Deus, - disse o padre Jean com um olhar esperançoso – que irei lhes compensar de algum modo. Seja aqui, ou no outro mundo.

- Muito obrigado – disse Richard, rindo com a ironia sobre outro mundo.

Owen foi a algumas aldeias próximas a Starten, onde mantinham quadros de anúncios. Eles serviam para diversas funções: quando necessitavam de fazendeiros; mão de obra para alguns assuntos artísticos; e soldados, a para a já debilitada milícia francesa. Algumas vezes, continham quadros de recompensas por um bandido ou animal feroz. Mas como Starten não era muito famosa, quase sempre, o lugar era mais conhecido por dar acesso ao litoral, o que

## Contos do Tempo Perdido

rendia serviços muito diversificados. Porém, nos corções dos homens, as lendas de algo sombrio falavam mais alto.

Os homens começavam a sair quando ao longe, da direção do cemitério, ouviram o som de um trovão, num dia sem nuvens de chuva. E os ouvidos mais atentos podiam notar que havia outro, som como o grito de uma garota.

A jovem Halphy era uma garota, inteligente e seus talentos na arte do roubo e malícia ressaltavam essas características para si. Mas ela nunca foi muito desse tipo de atitude soturna ou ladina quando mais jovem... Não muito.

Ela seguia aquele homem desde que entrou nos limites da cidade de Starten. Estranho, mesmo com seu tom nobre, aquele homem surgindo com arma e armadura pomposas, em terras francesas. Suas vestes negras contrastavam com a armadura vermelha que vestia e os cabelos negros mostravam que não era daquelas terras.

Já Halphy era uma pessoa única: era de sangue *sidhe* como os arcanos chamam, meio elfo para os humanos e *fealith*<sup>3</sup> para os elfos.

---

<sup>3</sup> Fealith: inspirado no alfabeto de J.R.R. Tolkien. Significa “espírito cinza”. Seria uma ofensa contra os meio elfos, pois eles não teriam uma alma limpa como os sidhes.

## A busca dos artefatos malditos

Continha pouco dos traços *sidhe*, mas o bastante para um arcano a reconhecer. Mesmo assim, ela cobria suas orelhas com seus grandes cabelos com a finalidade de não descobrirem sua identidade élfica.

Isso era só umas das características típicas dos *sidhe*. Halphy também tinha olhos amendoados, de cor castanha. Sua tez era bem mais clara que a do povo europeu. Não um tom pálido mórbido, mas sim algo parecido com a força de uma estrela tremeluzente. Usava roupas que mulheres daquela época jamais se permitiriam vestir. Passaria por um homem se não fosse seu jeito delicado – mas mortal – e sua roupa apertada, acentuando seus... Dotes físicos. Praticamente, com a propagação das doutrinas cristãs acabou com boa parte das mulheres independentes e que tinham segurança em usar trajes ousados. Os cabelos castanhos dificilmente chegavam até o pescoço. Melhor para o serviço. Assim não haveria o problema que seus fios se prendessem em um mecanismo ou aparelho. Afinal era uma especialista. Ladrões, como alguns os encaram. Eles mesmos se autointitulam como pessoas que trabalham com itens pegos por tempo indeterminado. Passando por magias e itens únicos e obtendo poder o suficiente para o que queria. Assim era Halphy.

Mas o estranho sombrio continuava o caminho até o cemitério, ignorando Halphy completamente, mas isso não era algo que ela queria – a não ser que isso fosse extremamente desejado para

## Contos do Tempo Perdido

seu serviço – naquele momento. Ela acabou de chegar a Starten, quando o viu surgir praticamente do nada. Ele não surgiu da mata, como se fugisse de algum lugar, mas se mantinha com suas feições impassíveis, ignorando completamente Halphy. E isso não era possível. Já que ela não queria ser ignorada!

-Que maldito, - resmungou baixo Halphy – ele não sente dó dos meus pés? Bem não deveria mesmo ter que se preocupar comigo, afinal ele nem repara que eu estou aqui. E afinal... Estou falando sozinha? Bem de qualquer modo ele pode ser um alvo em potencial de roubo.

A curiosidade da jovem falava bem alto. Afinal, quem poderia ignorar a talentosa e superior, Halphy. Existiam momentos em que Halphy quase sempre se via como uma garota comum cheia de vontades típica de uma moça de sua idade. Como essa curiosidade que lhe surgiu devido ao fato de ter sido ignorada pelo estranho. Mas havia outros em que lhe deixava aflorar seu ar de superioridade devido a sua inteligência e seu parentesco élfico. Nada como ser um símbolo de superioridade, pensava ela.

Foi então que algo de muito estranho ocorreu. Ela conseguiu ouvir do estranho o seguinte:

## A busca dos artefatos malditos

-Ele parece que não esta aqui. Sua aura esta extremamente fraca. Posso a sentir. Não tem como o distinguir dos outros.

Nesse momento, que parecia já criar uma grande confusão na mente da jovem Halphy, se tornou melhor com o movimento rápido e bizarro da cabeça do estranho girando para trás. Literalmente girando para trás.

-Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah! – Soltou Halphy olhando para o ser que acabará de se mostrar um verdadeiro monstro.

Enquanto todos conversavam na igreja foi possível ouvir um som estridente ao qual, alguns já sabiam o que era.

-Parece ser a voz de uma jovem – soltou Hugo.

Então Thror levantou sua arma como um símbolo sagrado de um clérigo e começou a correr para fora do templo.

-Por Ares! Uma luta! Há quanto tempo não consigo uma boa luta!

-Espere homem! – gritou em vão Richard – O tolo vai para o suicídio se for até lá só sem saber o que enfrentará.

## Contos do Tempo Perdido

-Então não é nosso dever ajudar um companheiro meu caro elfo? – soltou baixo o feiticeiro.

-Mas como...

-Ora meu rapaz... Há poucas coisas que um feiticeiro não consiga reparar. Atendo pelo nome de Hugo, Hugo Capeto. Qual seria o seu?

-Bem... - disse constrangido o elfo encapuzado – meu nome é Richard Naara.

-Richard mesmo? Para um elfo? Nomes estranhos que os seres faéricos conseguem nesses tempos sem reis... Mas também quem diria um feiticeiro ajudando um padre a eliminar um mal necromântico, não é?

-No caminho te conto. Vamos!

Nesse momento Hugo puxou seu novo conhecido Richard para fora da igreja enquanto sobrava só um dos membros daquela reunião feita as pressas. O padre olhou para ele como se quisesse dizer que não poderia se ausentar daquele lugar. Lacktum nunca gostou da fé do Deus Cristo, mas entendeu os motivos do padre. Havia outros que precisavam de uma proteção acima da comum. Ele acenou de forma respeitosa, mas com uma dose de sarcasmo e começou a correr.

## A busca dos artefatos malditos

Nesse mesmo momento um sorriso saltou da face do jovem padre Jean. E com esse gesto demonstrava grande malícia.

Todos correram em direção ao cemitério. Havia grande apreensão em todos aqueles homens com exceção de Lacktum. Ele olhava o lugar ao seu redor e percebendo o mundo que o cercava. A floresta ficava atrás do cemitério o que concedia ao lugar um ar fúnebre. As arvores, todas, convergiam para uma clareira que era o ponto principal do cemitério. Elas pareciam se tornar o limite do lugar de repouso dos mortos. Era possível ser notado pelo maior dos mausoléus que ficava quase no limite da localidade. Era belo, mas emanava uma aura que pessoas como Richard sempre odiavam. Eles chamavam de A Canção dos Condenados. Quando uma grande aura de força necromântica, de forma natural ou sobrenatural, se aglomera numa região, quase sempre cria sons que são entendidos como pequenas brisas, ventos e até tufões que muitos acreditam ser naturais. Mas a verdade é que são as vozes dos mortos usando a natureza para falar o que todos sabem: que a morte é terrível, mas existem coisas piores.

Quando todos chegaram, viram uma moça caída ao chão com uma grande expressão de medo começou a olhar para eles enquanto balbuciava palavras.

## Contos do Tempo Perdido

-Ca... Ca... A... Ca... Ele... Vi... Rar... Ca...

Foi nesse momento que Thror fiz uma brilhante pergunta:

-Careca?

-Ela não esta se referindo a você grego – disse Lacktum rápida e asperamente.

-Bem – quis responder o guerreiro – poderia ser... Não é?

Hugo e Richard se calaram diante da ponderação de Thror. Mal o conheciam, mas reparavam que ele tinha menos intelecto que um roedor. Guerreiros não eram sábios, porém, nunca tão estúpidos. Mesmo assim o jovem mago inglês ressaltou:

-Só se ela estivesse com medo, dessa sua cara feia grego. E com essa marca na cabeça ainda por cima...

-Eu queria dizer – falou a jovem, se refazendo do susto – que eu vi uma cabeça girando.

-Ah! – disse o brilhante guerreiro – É normal quando vemos uma cabeça sendo decepada.

Todos olharam com tanta raiva para o grego, que Richard precisou segurar o feiticeiro para não lhe esbofetear. Seria cômico,

## A busca dos artefatos malditos

não fosse pela situação de todos se encontrarem na frente de um cemitério.

A jovem se levantou arrumando seus cabelos castanhos enquanto olhava aquele bando de homens estranhos e esquisitos. Não que todo homem não fosse assim, mas aqueles eram realmente assustadores, se não fosse pela mente perspicaz da meio elfa. Ela começou então a reclamar:

-Em vez de fazerem adivinhas com minha fala, deveriam me ajudar a levantar bando de brutos!

-Perdões senhorita – disse Hugo quando notou que a jovem permanecia no chão. Ele estendeu sua mão á jovem que limpou prontamente sua calça com tapas bem rápidos e curtos. Começou a se limpar com palmadas bem concentradas, especialmente as partes sujas da lama do cemitério. A moça era muito bela e possuía olhos mais amendoados que o normal, mesmo para uma moça daquela idade. Eram como pequenas frutas cálidas e saborosas. Os cabelos castanhos cobriam suas orelhas que alguns notavam que continha um pouco dos traços élficos. Mas outros notavam coisas mais preocupantes que isso, e o fato dela usar calças: ela tinha ferramentas que lembravam mais os ofícios de um ladrão. Como deveria de ser, isso chamou a atenção de Lacktum, além dos outros fatores que havia notado e iria querer conferir mais tarde.

## Contos do Tempo Perdido

Ela iria começar a falar algo quando, sem aviso algum, Thror virou a cabeça em uma direção. Parecia que ele olhava pela mesma direção que acabavam de vir. Surgia então na cabeça do guerreiro grego uma imagem, de muito tempo atrás. Mesmo não se lembrando de boa parte de sua memória, ele começava a tornar alguns de seus lapsos sobre o passado, em formas de defesa contar certos perigos. Foi então que o mago lhe disse:

-Esta olhando muito para trás careca. Algum problema?

-Corram.

-Mas do... – e antes que terminasse a frase algo aconteceu.

-Corram!

-Estrangeiro louco – ela disse. Mas logo se arrependeria dessas palavras.

Todos sentiram que o chão tremia abaixo deles, mas alguns tinham noção que aquilo não se tratava de um simples ato da natureza. E o único guerreiro entre eles já notava que aquilo era algo mais profundo e sinistro. Ao ponto que começou a correr em direção ao cemitério. Alguns acharam que se tratava de um tolo covarde, mas quando olharam novamente para a cidade notaram que estavam absurdamente enganados.

## A busca dos artefatos malditos

Do chão começavam a brotar estranhas sementes que tinham tons de azul e marrom. Esses brotos pareciam possuir formas de dedos que se movimentavam como estivessem estalando com o ar do lugar. E então o que ninguém imaginava começou a surgir em suas mentes: aqueles brotos não pareciam com formas de mãos... Eles eram mãos! Contorcidas e pútridas, que começavam a forçar carcaças que já foram corpos, cheias de insetos viscosos e nojentos. Eles começavam a se erguer da terra com formas semi-humanas e cheias de morte que exalavam enquanto tentavam tomar uma forma mais ereta.

Algumas formas não eram completamente humanas. Entre elas poderia se notado uma parte do que seria, um corpo cortado ao meio. Outro tinha boa parte da face arrancada como se por um golpe de espada. Havia outro que possuía o mesmo problema, mas pelo golpe de um terrível animal, talvez um urso ou lobo. Existia entre aquele circo de horrores, até mesmo mulheres grávidas e animais que deveriam ter sido enterrados nas cercanias do cemitério. Era um pequeno pandemônio que surgia diante dos olhos daqueles jovens.

-Carneeeee... – soltavam algumas das criaturas.

Entre eles, os que mexiam com magia já ouviram falar sobre esse tipo de criatura. Era utilizada entre os necromantes menos experientes, mas temida como qualquer outro. Afinal, mexer com a trama vital não era fácil e para conseguir isso eles precisavam lidar

## Contos do Tempo Perdido

com o maior obstáculo para a vida alguns diriam. A morte não deveria ser um empecilho para alguém assim. Portanto, deveriam encontrar modos de controlar todos os aspectos dela. E entre eles estava à transformação de cadáveres em crias da vontade do conjurador que as trouxeram de volta a vida. Sem mente – e alguns diriam sem alma – esses seres podem também surgir espontaneamente absorvendo o necroplasma ao seu redor e os sentimentos que possuíam em vida as pessoas que tinha ao seu redor, assim como os próprios. Isso quase sempre alterava suas formas finais, os tornando cada vez mais perigosos dependendo do que eram preenchidos. Mas aqueles monstros que estavam a sua frente não passavam da mais baixa das categorias desse tipo de criaturas. Os povos de pele bronzeada de além do mediterrâneo tinham um nome para aquele tipo de criatura, mas os europeus os conheciam como *mortos famintos*<sup>4</sup>.

Foi nesse momento que Halphy iria começar a correr em direção ao cemitério notou de forma forçada que o guerreiro grego havia parado sua investida. Ela iria reclamar de ter acertado o seu pequeno nariz contra a armadura do grego, quando percebeu o motivo da brusca parada de Thrór.

---

<sup>4</sup> São mortos-vivos. Normalmente se refere a esqueletos e zumbis. Como o termo “zumbi” não é europeu, foi preferível colocar um termo com sentido para os monstros.

## A busca dos artefatos malditos

Era possível ver o guerreiro de cicatriz na cabeça, colocando a sua frente o escudo para combater. Ele se posicionava, de modo a dobrar o joelho para melhor golpear e se esquivar de qualquer ataque que surgisse. A espada longa era colocada de lado com a ponta da lamina para baixo, mas firme, como um cavaleiro segura a crina de sua montaria. Sua barba deixava sua expressão que antes parecia extrovertida, em mais seria do que antes.

Quando então notou, um grupo menor de mortos – porém não menos apavorante – surgia na frente do grupo. Halphy então soltou mais um grito.

-Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah!

Eles se preparavam para um combate, mas era certeza que seriam massacrados pela massa de mortos que se colocava entre eles e a salvação. Naquele breve instante era possível notar que a desesperança surgia nas almas e corações daqueles jovens. O mal tem esse efeito sobre os corações que possuem luz. Traga toda a vida e bondade, até não surgir nada que se possa ser digno de pena. Assim funcionam as trevas. Porém, as trevas já se apossaram do coração de Lactum.

## Contos do Tempo Perdido

O mago inglês então notou que a formação profana não era perfeita. Havia uma brecha entre as criaturas que poderia ser utilizada para que todos fugissem.

-Corram e me sigam por suas vidas! – gritou isso enquanto passava entre os seres macabros que se colocavam entre eles e o caminho do cemitério. Ao menos era um lugar que, a primeira vista, não estava recheada daquelas pragas que fugiram de seus túmulos. Era arriscado, mas não havia muitas opções no momento.

O feiticeiro e o druida ficavam mais para trás, enquanto Halphy seguia na frente junto ao guerreiro careca. Este abria caminho com uma tática simples, mas eficaz. Usava o escudo como uma barreira entre ele e os mortos famintos, e com a lâmina de sua espada longa, retaliava qualquer oponente adjacente. Quase sempre o que ocorria era o surgimento de cenas bizarras, como a cabeça de uma mulher que teve o crânio cortado ao meio pelo grego com a ferida enorme. Era bizarro ver um corpo que deveria ter sido uma bela jovem trespassada pela lamina e mesmo assim continuar de pé!

Todos passavam pelo pandemônio de criaturas com temor, mas ao mesmo tempo com a coragem tola que a juventude nos concede. Quem pudesse ver o grupo, poderia acreditar que talvez fosse uma experiente equipe que preferia não enfrentar os mortos. Mesmo fugindo. Mas ao contrário, a coragem os tornava fortes contra

## A busca dos artefatos malditos

o mal que havia na frente de cada um deles. Porém, não havia para onde fugir muito menos aonde se esconder, pensavam alguns.

Foi então que quando alguns se achavam seguros demais Halphy grita:

-Ruivo cuidado!

Era tarde demais. Uma mão, que mais parecia uma garra de tão afiada, perfurou o ombro do jovem Lacktum. Este então preparava uma magia, mas nesse mesmo instante, foi acertado por um segundo ataque nas costas. Quando havia pensado em atingir seu primeiro atacante, teria deixado suas costas abertas para um novo golpe. E isso fez que perdesse muito sangue.

Halphy então se colocou acima do jovem inglês, que estava agachado colocando as mãos nas costas, como um escudo contra os monstros. Ela pegou uma adaga e colocou a frente do corpo como uma leoa que protege sua cria. Os ataques eram constantes, mas ela não poderia deixar que os seres que os cercavam acabassem com o jovem. Na verdade, após se posicionar para proteger o jovem ruivo ela se fez uma pergunta: por que raios ela estava naquela posição, protegendo um desconhecido? Não o conhecia e mesmo assim estava quase que se colocando em uma situação de risco. E para que? Para talvez isso a matar e atrapalhar em seus intentos de obter o artefato